

RESGATANDO MÉTIS O QUE FOI FEITO DESSE SABER?¹

¹ Uma parte deste texto figura na monografia *A História da Mulher na Ciência* realizada pela aluna Adelina Pinheiro Santos no curso de História da Química ministrado por Lucia Tosi no Departamento de Química da UFMG em 1987

² PIZAN Christine de *La Cité des Dames* (1405) Texto traduzido e apresentado por Eric Hicks e Therese Moreau Paris Stock/Moyen Age 1986 p 90

³ HICKS Eric e MOREAU Thérèse Introdução PIZAN op cit p 13-24

⁴ SCHIEBINGER Linda The History and Philosophy of Women in Science *Signs Journal of Women in Culture and Society* vol 12 N 2 1986 p 305-332

*É bem evidente que devido a inteligência e a habilidade das mulheres descobriu-se um grande numero de ciências e técnicas importantes tanto nas ciências puras e varios escritos de mulheres demonstram-no - como no campo das técnicas o que os trabalhos manuais e ofícios provam² (Dame Raison in Christine de Pizan *La Cité des Dames* 1405)

Poetisa, historiadora e moralista Christine de Pizan (1364-1430) concebeu *La Cité des Dames* como uma fortaleza a maneira da *Cidade de Deus* de Santo Agostinho. Contra a misoginia que imperava, contra os sábios, os filósofos, os poetas e os moralistas que censuravam e menosprezavam as mulheres, contra as leis que as oprimiam, a sua é uma obra de combate, moderna de espírito e de inspiração nitidamente feminista. Se bem que nessa obra a autora faça referência a participação das mulheres em diversos campos das artes, da técnica, da política, da religião, além das ciências e embora muitos dos exemplos citados sejam tirados da mitologia, o texto pode ser considerado a primeira tentativa de realizar uma história da mulher na ciência³

La Cité des Dames não é o primeiro tratado conhecido sobre a contribuição das mulheres ao saber técnico ou científico. Giovanni Boccaccio (1315-1375) tinha precedido Christine de Pizan com a publicação entre 1335 e 1339 do *De Clavis Mulieribus*, o qual continha as biografias de 104 mulheres eminentes, a maioria rainhas da antiguidade, algumas das quais míticas⁴. Christine não ignora esse autor e cita varios exemplos tirados dessa obra, porém *La Cité des Dames* não se limita a descrição da vida e da obra de mulheres.

notáveis. Através do discurso de Dama Razão a autora defende várias teses feministas. Rejeita a opinião predominante na sua época sobre a inferioridade física e mental das mulheres e reivindica para elas a mesma educação dispensada aos homens. Explica porque as moças não têm as mesmas motivações intelectuais que os rapazes e diz: se houvesse o costume de enviar as meninas à escola e de ensinar-lhes metodicamente as ciências, como se faz com os meninos, elas aprenderiam e compreenderiam as dificuldades de todas as artes e de todas as ciências tão bem como eles.⁵

⁵ PIZAN op cit p 91-92

No mundo ocidental a ciência começa com os filósofos gregos das escolas eleáticas e jônicas, que especularam acerca da natureza do universo. Na época em que Christine de Pizan escreve, a que era ensinada nas universidades consistia essencialmente na filosofia aristotélica adaptada à doutrina cristã por Santo Tomás. Entretanto, a adivinhação, a arte de preparar filtros e de provocar sortilégios constituíam boa parte dos conhecimentos das mulheres que ela cita. Isso não implicava uma postura mental diferente da dos seus contemporâneos. A magia praticada de uma ou outra maneira por sábios e até por padres integrava-se perfeitamente no contexto cultural que prevaleceu até o fim do século XVI. A difusão da obra de Copérnico, cinquenta anos depois de sua publicação em 1543, e os trabalhos de Galileu e Kepler provocaram uma mudança drástica na cosmogonia aceita até então, na própria ciência, na filosofia e como consequência nas mentalidades. Esse processo de transformação durou quase um século e é conhecido com o nome de **revolução científica**.

Durante o período anterior à revolução científica a contribuição das mulheres à ciência é citada de maneira esporádica, às vezes com algum destaque, mas de maneira geral é omitida. Existem, porém, algumas áreas de atividade, como a preparação de alimentos, certas técnicas agrícolas ou artesanais, como tecelagem e bordado, diversos conhecimentos empíricos sobre a arte de curar baseada nas propriedades de certas ervas, na preparação de emplastros ou de unguentos, além da obstetrícia, nas quais a contribuição das mulheres, ainda que minimizada ou menosprezada em certas ocasiões, nunca foi posta em dúvida.

O propósito deste ensaio consistirá, portanto, em resgatar do esquecimento a contribuição da inteligência e da habilidade das mulheres à ciência e à técnica, a partir da antiguidade até ao fim do período renascentista. É preciso ter presente, contudo, que um estudo sobre o papel desempenhado pelas mulheres na ciência da antiguidade e até na Idade Média apresenta inevitavelmente muitas lacunas e imprecisões.

sões devido entre outras razões a escassez de fontes e a falta quase completa de testemunhos de autores contemporâneos dessas mulheres⁶

O papel da mulher nas sociedades pré-históricas

Os estudos mais recentes realizados por antropólogas e antropólogos arqueólogas e arqueólogos sugerem que foram as mulheres as primeiras a utilizar a coleta e as primeiras que se ocuparam do processamento e da armazenagem dos alimentos de origem vegetal? Essa hipótese se apoia entre outros fatos na evidência fornecida pelo estudo das sociedades humanas contemporâneas que vivem - ou viviam até há pouco - da caça e da coleta. Nessas sociedades aproximadamente 60 a 80% dos alimentos provêm da coleta e do processamento realizado na maior parte das vezes só por mulheres⁸. Antropólogas e antropólogos acreditam também que foram as mulheres que iniciaram o cultivo intencional de plantas alimentícias em certas áreas as que inventaram a horticultura e a tecnologia a ela apropriada. Atribui-se também as mulheres a invenção dos métodos e utensílios necessários para o transporte do produto da coleta para a preparação e conservação dos alimentos, bem como das ferramentas necessárias para cultivar a vara para cavar a terra, a enxada e o arado⁹.

A mitologia por seu lado confirma essas sugestões. Assim, no conhecido mito pré-helênico de Demeter, a deusa movida pelo seu amor aos seres humanos, vendo as suas dificuldades em obter alimentos, deu-lhes o trigo como presente, ensinou-lhes como semeá-lo, como cultivá-lo e finalmente como colher e moer o grão. Isis, a equivalente egípcia de Demeter, deu aos mortais os cereais e o linho. Embora vários mitos façam dos homens os inventores do fogo, são as mulheres suas guardiãs, sendo também habitualmente do sexo feminino as deidades ligadas ao controle ou ao domínio do fogo¹⁰. Ninguém ousaria duvidar que foram as mulheres as que inventaram a arte de cozinhar.

Outro fato significativo é o de serem femininas as primeiras divindades conhecidas no Oriente Médio, no período imediatamente anterior à revolução neolítica (entre 8000 e 3500 a.C.). É o caso da **Deusa Mãe** de Çatal Huyuk, na Anatólia, e de todas as representações femininas de forte conteúdo simbólico encontradas nessa extensa região¹¹. Nas civilizações da chamada Europa Antiga, que se desenvolveram entre 6500 e 3500 a.C., no que é hoje o sul da Itália, a Grécia, a Romênia, a Bulgária, a Ucrânia e no que foi até pouco tempo a Iugoslávia, o culto se caracteriza pela predominância das deusas que encarnam o princípio criativo da vida¹².

⁶ A quase totalidade dos textos atribuídos a autoras da antiguidade perderam-se e somente um número muito limitado de manuscritos de autoras medievais permitem avaliar a contribuição das mulheres à ciência de sua época. Além disso, aqueles que fazem alguma referência à vida e à obra científica ou filosófica de alguma mulher viveram na maior parte dos casos vários séculos depois e nem sempre citam fontes de primeira mão.

⁷ STANLEY Autumn. *Daughters of Isis: Daughters of Demeter. When Women Sowed and Reaped. Women's Studies International Quarterly*, vol. 4, No. 3, 1981, p. 289-304.

⁸ LEE Richard B. e DE VORE Irvén. *Man the Hunter*. Chicago: Aldine, 1968, p. 7.

⁹ MARTIN M. Kay e VOORHIS Barbara. *Female of the Species*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1975, p. 212-216.

¹⁰ STANLEY op. cit.

¹¹ COUVIN Jacques. *L'Apparition des Premières Divinités*. *La Recherche*, 1987, vol. 18, p. 1472-1480.

¹² GIMBUTAS Marija. *Godesses and Gods of Old Europe*. Berkeley: The University of California Press, 1982, passim.

O fato de serem as mulheres as responsáveis pela reprodução e sobrevivência da comunidade levava a identificação do poder da mulher com o poder divino. No Oriente Médio esse poder parece ter se mantido durante os períodos da pré-horticultura, da horticultura e até depois da descoberta da participação masculina na reprodução, mas decresceu com o aparecimento da agricultura por volta de 3500 a.C. O que se conhece sobre uma grande parte dos povos atuais de base agrícola mostra que, entre os que vivem só da horticultura, mais de 50% são mulheres, enquanto dos que vivem da agricultura, menos de 20% da população ativa é formada por cultivadoras.¹³ Existem contudo evidências históricas tanto na Ásia como na Europa e na América Central, que mostram a contribuição das mulheres no desenvolvimento tecnológico da agricultura.¹⁴

Várias teorias foram propostas para explicar as razões da perda do papel econômico desempenhado pelas mulheres no fornecimento de alimentos e no controle de sua distribuição nas sociedades agrícolas. Algumas delas dão ênfase ao domínio tecnológico dos homens na agricultura, sobretudo na Europa, onde esse domínio está estreitamente ligado ao aumento do poder político. Supõe-se que foi a invenção de arados que requeriam maior força física, o que fez com que os homens substituíssem as mulheres nas tarefas agrícolas. Em apoio dessa hipótese estaria o fato de que os termos arianos para designar arado e semeadora derivam respectivamente de pênis e sêmen.¹⁵

Parece evidente que, em determinado momento da história da humanidade, os homens perceberam que a caça e a pesca não eram imprescindíveis para fornecer alimentos, e passaram a se ocupar com maior frequência da agricultura. Por volta de 3500 a.C., os egípcios inventaram o arado com relha de ferro e se admite ser esse tipo de arado o grande avanço tecnológico desse período realizado, possivelmente, pelos homens.¹⁶

No entanto, outros fatores parecem ter provocado efeitos mais profundos. A explosão demográfica, que acompanha invariavelmente a introdução da agricultura, tem consequências particularmente dramáticas para as mulheres. As gravidezes frequentes prejudicam a saúde e podem colocar a mulher em situação de inferioridade na execução de certos trabalhos. Além disso, o cuidado de um grande número de filhos, com pouca diferença de idade, esgota física e emocionalmente. E isso contribui para fazer das mulheres seres mais dependentes.¹⁷

Além da atividade agrícola e da preparação de alimentos, as mulheres realizavam outras tarefas, como a extração de tinturas de plantas e a preparação de

¹³ MARTIN e WOORHIS, op. cit., p. 180-182.

¹⁴ STANLEY, op. cit.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Esses fatos foram constatados em estudos recentes feitos em comunidades de Angola, Botswana e sudoeste da África. O *status* de mulheres e homens era ou é semelhante nas populações de forrageadores e as mulheres produzem ou produzem 60 a 80% dos alimentos. Algumas dessas comunidades tornaram-se sedentárias e, em cinco anos, a taxa de natalidade aumentou 30%. De maneira concomitante, as mulheres foram perdendo autonomia e influência. DRAPER, Patricia, *!Kung Women: Contrasts in Sexual Egalitarianism in Foraging and Sedentary Contexts*. In REITER, Rayna R. (ed.), *Toward an Anthropology of Women*. Nova Iorque: Monthly Review Press, 1975, p. 77-109.

ungentos e perfumes. Esse tipo de atividade ficou registrado em épocas históricas tanto no Egito como na antiga Babilônia. Nesta última a fabricação de perfumes incumbia as mulheres: os nomes de duas delas foram conservados em tabuinhas de barro datando do segundo milênio antes da nossa era. Taputi Belâtekallin encarregada da fabricação de perfumes foi uma dona-de-casa enquanto que ninnu (cuja primeira parte do nome perdeu-se) foi autora de um texto sobre perfumaria. Segundo Martin Levey, historiador da Química da Sumeria e do Oriente Médio, essas mulheres foram as primeiras químicas das quais se tem notícia.¹⁸ Os escritos babilônios continham receitas para a preparação de perfumes: a descrição dos aparelhos utilizados assemelhavam-se aos artefatos de cozinha, arte esta já dominada milenarmente pelas mulheres.¹⁹

As deusas mantiveram seu poder por milênios, mas em tempos mais recentes os deuses foram adquirindo mais autoridade até conseguir suplantá-las e finalmente eliminá-las nas religiões monoteístas patriarcais. Robert Graves, na sua obra *The Greek Myths*, identifica no mito de Perseu, que degola a gorgona Medusa, o herói babilônio Marduk, que aniquila a grande Tiamat, deusa do mar. De acordo com esse autor, o nome Perseu deriva de Pterseus, que significa o destruidor e representava provavelmente os helenos, tribos patriarcais que invadiram a Ásia Menor e a Grécia. No segundo milênio a.C., e tomaram posse dos lugares de culto da antiga deusa.²⁰ Da mesma maneira a destruição da serpente Pitão por Apolo, em Delfos, representa a captura pelos aqueus do antíguíssimo santuário da deusa da terra.

As invasões dos aqueus no século XIII a.C. enfraqueceram o poder da grande deusa e do sistema matrilineal existente. Quando os dorios chegaram, já no fim do segundo milênio a.C., o sistema patrilineal passou a ser a regra. O conselho dos deuses do Olimpo resultou de um compromisso entre as crenças helênicas e pre-helênicas. As civilizações da antiga Europa, que tinham desenvolvido a agricultura, foram completamente destruídas pela infiltração agressiva de tribos pastorais semi-nômades, antepassadas dos indo-europeus durante o quarto milênio a.C.²¹

A sexualização do mundo e as noções de masculino e feminino

A sexualização do Cosmo, de acordo com Mircea Eliade, é a expressão de uma experiência de simpatia mística com o mundo. É a ideia de que a vida projetada no Cosmo sexualiza-o. Essa concepção não

¹⁸ LEVEY, Martin. *Perfumery in Ancient Babylonia*. *Journal of Chemical Education*, vol. 31, 1954, p. 373-375.

¹⁹ LEVEY, Martin. *Journal of Chemical Education*, vol. 52, 1975, p. 362-364.

²⁰ GRAVES, Robert. *The Greek Myths*. Londres: Penguin, p. 11-24.

²¹ GIMBUTAS, op. cit.

resulta de uma observação objetiva mas da valorização do universo que nos rodeia em termos de vida o destino do Cosmo comportando a sexualidade a fecundidade a morte e a renascença²² Tanto o mundo natural animado ou não como os objetos e ferramentas fabricados pelos humanos apresentam-se como sexuados o mesmo acontecendo com os minerais e os metais Na antiga Mesopotâmia as pedras preciosas eram divididas em masculinas e femininas de acordo com suas formas cores e brilho E isso se manteve nos escritos alquímicos até a Idade Média

O simbolismo sexual mais transparente é o da Terra-mãe - o do nascimento dos minerais no seu seio e a assimilação das cavernas e das minas a sua matriz Admitia-se que os rios sagrados da Mesopotâmia tinham suas fontes no órgão gerador da grande deusa considerado como a sua vagina Assim na Babilônia o termo *pû* significa fonte de um rio e vagina o mesmo acontecendo com o termo sumério *buru* O termo babilônio *nagbu* fonte aparenta-se com o termo hebreu *nageba* perfuração Em hebreu a palavra poço e utilizada com o sentido de mulher esposa Em egípcio o vocabulário *br* significa útero e galeria de mina O papel ritual das cavernas que vem da pré-história pode ser interpretado como um retorno místico à mãe o que explicaria não só as sepulturas como também os ritos iniciáticos praticados nesses lugares O termo *delph* útero conservou-se no santuário mais reputado do mundo helênico Por outro lado nos três lugares de culto das sibilas havia terra vermelha perto de Cuma de Marpeços e em Epiro As sibilas estavam estreitamente ligadas aos cultos das cavernas e a terra vermelha representava o sangue da grande deusa²³

²³ Ibidem

Em muitas dessas representações que ainda perduram em diversas culturas observa-se a tendência a associar a denominação fêmea com fragilidade e delicadeza e macho com força e vigor No taoísmo fundado por Lao-Tze no século V a C o Tao (caminho do universo) pode ser atingido pelo equilíbrio entre dois opostos O *Yin* feminino e passivo e o *Yang* masculino e ativo combinaram-se para gerar o mundo Cada parte do corpo contém uma porção maior ou menor desses princípios e o organismo é portanto um reflexo do universo

A tendência dessas dicotomias sexuais foi a de associar cada vez mais a ideia de elemento ou princípio passivo com passividade e esta com debilidade física intelectual ou moral enquanto o princípio ativo ligava-se e liga-se ainda à ideia de atividade vigor força física intelectual e moral assim como criatividade Além disso as mulheres foram consideradas as depositárias quase absolutas do princípio passivo o que contribui a

forjar a noção de natureza feminina como uma entidade biológica perfeitamente diferenciada

A mulher na Grécia clássica

O *status* da mulher na Grécia clássica merece ser considerado de maneira especial, pois foi nessa sociedade que se desenvolveu a especulação intelectual e a filosofia que influenciaram poderosamente toda nossa cultura.

Na sua *Teogonia*, Hesíodo, poeta grego que viveu entre os séculos VIII e VII a.C., descreve através de mitos o nascimento dos deuses. No primeiro estágio Gaia, a Terra, gera Urano, o céu, e da união de ambos nascem os Titãs, monstros gigantes. Urano trata de impedir o nascimento desses monstros e Gaia, em represália, arma o menor deles, Cronos, com uma foice que ele utiliza para castrar seu pai e estabelecer assim a sua hegemonia. Cronos e a sua irmã Rea geram, subsequentemente, os deuses olímpicos. Temeroso de perder o seu poder, Cronos engole seus próprios filhos, mas Rea, seguindo o conselho de Gaia e Urano, dá-lhe no lugar de Zeus, o mais jovem deles, uma pedra envolta num lenço. Quando Zeus chega à idade adulta, com a ajuda de Gaia, faz Cronos vomitar seus irmãos e irmãs, estabelecendo assim a sua própria supremacia sobre deuses e mortais. Depois de vencer os Titãs, Zeus escapa ao destino de seu pai e de seu avô, engolindo a sua esposa Metis, a sabedoria, já grávida de Atena, a qual nasceria da sua cabeça. Com esse recurso teológico, eliminava-se toda contribuição feminina na geração de Atena e fazia-se da sabedoria, atributo dessa deusa, uma prerrogativa masculina.

A evolução do Cosmo descrita nos mitos de Hesíodo mostra uma progressão clara de um mundo caracterizado pelo poder gerador feminino, ligado à natureza e à terra, para outro regido pela autoridade racional e moral do varão. A natureza, como força incontrolada e violenta, geradora de vegetação, mas também de monstros, está personificada em Gaia. O triunfo de Zeus representa a sujeição e subordinação da natureza e seu controle em um mundo comandado e dirigido por homens.²⁴

Por volta dos séculos VIII e VII a.C., a sociedade grega arcaica, aristocrática e feudal, sofre por sua vez mudanças consideráveis, dando nascimento à constituição das cidades-estados, a *polis*. Nesta nova sociedade, os donos da terra, que não eram necessariamente os da antiga classe aristocrática, constituem um grupo mais amplo e diversificado. A unidade familiar emerge como a unidade produtiva. O *oikos* (casa) constituía uma pequena corporação formada pelo chefe - o pai

²⁴ POMEROY, Sara B. *Godesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*. Nova Iorque: Schocken Books, 1975, p. 1-4. ARTHUR, Marilyn. *From Medusa to Cleopatra: women in the Ancient World*. In BRIDENTHAL, Renate KOONZ, Claudia e STUART, Susan (eds.), *Becoming Visible: Women in European History*. Boston: Houghton Mifflin Co., 2ª ed., 1987, p. 80-81.

da família - sua esposa seus filhos e escravos sendo estes últimos os que trabalhavam a terra e realizavam os outros serviços. Os direitos legais sobre essa propriedade cabiam ao chefe da família que os transmitia a seu filho mais velho para assegurar a continuidade e eram esses os cidadãos da *polis*. O mito que culmina com o estabelecimento de um Olimpo patriarcal e a primeira articulação de uma ideologia que vai caracterizar a sociedade grega e depois a romana.

Na sociedade grega da *polis* a mulher era uma parte indispensável e importante do *oikos*; ela gerava os filhos e supervisionava as atividades da casa que nessa época eram muito diversificadas incluindo além da preparação dos alimentos a fição e a fabricação de tecidos e roupas. A família nuclear que na sociedade aristocrática era uma unidade biológica e social passou a ter função política e econômica. As atribuições de esposa e mãe que a mulher possuía no passado tornam-se uma necessidade e um dever e seu fracasso podia ter consequências graves. As leis das novas democracias gregas impuseram restrições às liberdades das mulheres para assegurar sua subserviência às necessidades dos novos estados e durante toda a sua vida a mulher ficava sob a tutela legal de um tutor *kyrios* que podia ser seu pai seu esposo ou seu filho. Como observa Claude Mossé a ideia de uma mulher solteira independente que administrasse seus bens era inconcebível nesse tipo de sociedade. A contribuição das mulheres à vida da *polis* era reconhecida como se infere do papel importante que as mesmas desempenhavam nas festividades religiosas. Entretanto sua educação e formação profissional eram pouco diversificadas limitando-se a escrita e a leitura algumas noções de música fição tecido e bordado.²⁵

No que concerne a Atenas cujas escolas filosóficas tiveram tanta importância na formação do pensamento ocidental de acordo com a famosa frase atribuída a Demóstenes o cidadão ateniense tinha três tipos de mulheres as *hetairas* ou cortesãs para o prazer as concubinas ou prostitutas para a saúde do corpo e as esposas para fornecer filhos legítimos e para serem as guardiãs do lar.²⁶ As *hetairas* eram profissionais geralmente livres mas dificilmente cidadãos. As prostitutas eram geralmente escravas. A missão das *hetairas* era distrair ou entreter os homens nos banquetes *symposia*. Recebiam uma educação mais cuidada sendo mais cultivadas do que cultas e eram as únicas mulheres realmente livres de Atenas. Algumas tiveram relações mais estreitas com poetas oradores ou homens de estado. O caso de Aspasia a amante de Pericles que segundo dizia Plutarco dominava os homens de

²⁵ MOSSÉ Claude *La Femme dans la Grèce Antique* Paris Albin Michel 1983 p. 39

²⁶ POMEROY op. cit. p. 8
ARTHUR op. cit. p. 87

²⁷ MOSSÉ op cit p 67-65
POMEROY op cit p 89-90

²⁸ ALIC Margaret *Hypatia's Heritage: A History of Women in Science from Antiquity Through the Nineteenth Century* Boston Beacon Press 1986 p 82
POMEROY op cit p 133-134

²⁹ ALIC op cit p 23

³⁰ DIOGENES LAERTIUS *Lives of Eminent Philosophers*
Traduzido por R. D. Hicks
Cambridge Massachusetts
Harvard University Press
1931 vol I p 216-217

³¹ KNIBIEHLER Yvonne e
FOUQUET Catherine *La Femme et Les Médecins*
Paris Hachette 1983 p 18-28

³² ARISTÓTELES *On the Generation of Animals* in
Great Books of the Western
World Encyclopedia
Britanica 1952 p 268-269

³³ DIOGENES LAERTIUS op
cit vol II p 99-101

estado e inspirava aos filósofos grande consideração e uma exceção²⁷

Ha poucas referências de mulheres praticando a filosofia. O caso mais citado é o de Teano, esposa (ou filha?) de Pitágoras (582-500 a C.) fundador da escola filosófica de Crotona, que funcionava como uma verdadeira comunidade religiosa. As mulheres eram admitidas nessa escola, ao que parece, nas mesmas condições que os homens²⁸. Atribue-se a Teano a autoria de tratados de matemática, física e medicina, hoje perdidos²⁹. Um século depois, Arete, filha e discípula do filósofo Aristipo (435-350 a C.) fundador da escola de Cirene, teve por sua vez um discípulo. Platão teve duas discípulas, Lastheneia de Mantinea e Axiothea de Phlius, as quais usavam vestimentas masculinas³⁰.

Nos tratados hipocráticos, que condensam a medicina grega entre os séculos V e IV a C., aparecem as primeiras tentativas de definir a **natureza feminina** em oposição à masculina. Admitia-se que a saúde dependia do equilíbrio entre os quatro humores: o sangue, a bile, a água e a fleuma. A imagem da mulher que fornecia esses tratamentos e a de um ser úmido e frio, produtor de fluidos dependente do homem e vítima dos desarranjos de sua matriz. Hipócrates acreditava que tanto a mulher como o homem emitem uma semente e que da união de ambas se originava o feto, cabendo ao sangue menstrual a nutrição do mesmo³¹.

Aristóteles, entretanto, nega à mulher qualquer participação ativa na geração. Segundo esse filósofo, a mulher é um macho impotente, pois é incapaz de realizar o processo de decocção do sangue para transformá-lo em sêmen, devido à sua natureza fria. Por tanto, o sêmen da fêmea não é sêmen de verdade, mas o material sobre o qual o sêmen do macho age³². Essas afirmações não tinham como base um conhecimento maior da anatomia ou da fisiologia do que o da época de Hipócrates, mas, em compensação, estavam impregnadas de ideologia. Isso permitia dar uma base científica à situação de subordinação e sujeição da mulher na sociedade da qual Aristóteles era um representante conspícuo. Essas noções tiveram vida longa, sobrevivendo ainda às descobertas anatômicas e fisiológicas que as deveriam abalar.

A situação da mulher teve algumas melhoras com o helenismo. Desse período ficou conhecida Hiparquia, filósofa que viveu por volta de 300 a C., por ter defendido seus direitos à educação, tendo respondido a outro filósofo que a criticara por abandonar suas tarefas femininas: "supões que minha escolha foi errada por utilizar meu tempo na minha educação em vez de desperdiçá-lo no tear"³³?

O período alexandrino

Com a fundação de Alexandria em 332-331 a C por Ptolomeu Soter e particularmente a partir da construção do Museu e da Biblioteca essa cidade converteu-se no grande centro cultural da civilização grega e depois da sua conquista pelos romanos em 31 a C no do império até meados do século V d C A vida intelectual foi enriquecida pela contribuição de diversas etnias babilônios egípcios judeus persas e gregos criaram um verdadeiro caldeirão de culturas Foi nesse contexto e sob a influência do sincretismo filosófico-religioso da época helenística que nos primeiros séculos da nossa era surge a Alquimia a qual se desenvolve a partir dos conhecimentos práticos de metalurgistas e médicos

Das obras que restam desse período muitas são apócrifas atribuídas a seres divinos soberanos ou sábios ilustres outras são de autores cuja existência foi comprovada Entre estes últimos o mais famoso foi Zósimo de Panópolis que viveu no fim do século III e começo do século IV d C³⁴ Além de autor original Zósimo foi comentarista de autores anteriores e cita repetidamente o trabalho de Maria que ao que parece teria vivido no século II ou III de nossa era Segundo Patai Maria a judia ou a divina como foi chamada por Zósimo teria sido uma judia de cultura helênica influenciada pela magia oriental Seu trabalho se destaca pela importância dada às técnicas de laboratório não se sabendo se foram produtos de sua invenção ou da de outros alquimistas Entre as mais famosas figuram o banho que leva seu nome um alambique de três bicos (*tribikos*) e um aparelho mais sofisticado usado na sublimação (*kerotakis*)

Além da descrição dessas e outras técnicas de laboratório essenciais para a química elaborou uma doutrina para explicar a natureza dos fenômenos que tinham lugar nos processos alquímicos Maria acreditava na unidade primordial da natureza admitia que os metais eram sexuados e possuíam corpo alma e espírito como os seres humanos Sua essência podia ser revelada pelo uso de procedimentos alquímicos complexos sendo este o grande mistério cujo segredo Deus lhe confiara³⁵ Sua obra foi abundantemente citada e glosada pelos alquimistas árabes que transmitiram a herança alexandrina à Europa medieval Isso não impediu entretanto que a sua existência fosse objeto de controvérsia Recentemente em uma história da química Maria assim como Cleopatra outra alquimista citada por Zósimo são consideradas sem mencionar fontes como autoras apócrifas³⁶ Cleopatra pertence

³⁴ PATAI Raphael Maria the Jewess Founding Mother of Alchemy *Ambix* 1982 vol 29 p 177 197 ALFONSO GOLDFARB Ana Maria *Da Alquimia a Química* São Paulo Nova Estrela 1987 p 238

³⁵ Ibidem

³⁶ BENSUADE VINCENT Bernadette e STENGERS Isabelle *Histoire de la Chimie* Paris La Découverte 1993 p 93

ao grupo dos alquimistas místicos para os quais a alquimia era um método contemplativo de identificação com a divindade. É conhecida pela sua **crisopéia** ou arte de fazer ouro: desenho simbólico que pode ser interpretado seja como uma descrição da regeneração humana, seja como um processo metalúrgico.

Outros nomes femininos figuram na obra de Zozimo, como Teosebia e Pafnucia. Parece óbvio que ainda que todas elas fossem seres míticos, existiam em Alexandria mulheres que praticavam a alquimia, as quais se atribuía imaginação, criatividade e vocação contemplativa. A participação feminina nessa arte esotérica, limitada a um número pequeno de adeptos, pode ser atribuída à influência do gnosticismo, tanto na sua versão pagã, o hermetismo, como na versão cristã. A palavra grega *gnosis* significa conhecimento, mas o gnosticismo é uma doutrina da revelação que teve sua origem no Oriente. Nos primeiros séculos de nossa era, essa doutrina expandiu-se enormemente e multiplicaram-se as seitas gnósticas cristãs que foram perseguidas pela ortodoxia e condenadas pelos padres da Igreja. No hermetismo, tal como aparece no *Hermes Trismegisto*³⁷, o demiurgo criador do universo, cuja natureza é andrógina, cria um ser humano bissexual, a sua imagem. A teologia gnóstica cristã, por seu lado, se refere à geração da espécie humana, tal como esta descrita no *Gênesis* I 26-27, e Deus disse: façamos a humanidade à nossa imagem e semelhança, a imagem de Deus; ele a criou, macho e fêmea; os criou. Esta concepção contém implícita a ideia de igualdade entre homens e mulheres, que foi posta em prática por várias dessas comunidades gnósticas. A teologia ortodoxa se apoiava no *Gênesis* II 21-25, no qual Eva é criada a partir da costela de Adão. Os padres da Igreja dos primeiros séculos da era cristã condenavam a interpretação gnóstica. Na segunda metade do século II d.C., Ireneu, conhecido pela sua luta contra os gnósticos, criticava duramente a comunidade criada por Marcos, na qual mulheres serviam a eucaristia e faziam profecias. Ele afirmava ser Marcos um sedutor diabólico, um mago que fabricava afrodisíacos para enganar e corromper muitas mulheres tolas³⁸. Marcion, outro filósofo gnóstico, causou escândalo porque admitia, na sua congregação, mulheres como sacerdotes ou bispos. Fatos semelhantes aconteciam com outras congregações. Vários evangelhos considerados apócrifos pela ortodoxia cristã mostram que a atividade religiosa dessas mulheres representava um desafio para a ortodoxia. Pelo que demonstram esses textos, as mulheres exerciam as mesmas funções que os homens dentro das congregações, como sacerdotisas, médicas ou bispos³⁹. No fim do

³⁷ *Hermes Trismegiste*. Texto estabelecido por A. D. NOCK e traduzido por A. J. FESTUGIÈRE. Paris: Les Belles Lettres, 1945. Tome II. Poimandres, Traites II, IX, p. 9.

³⁸ PAGELS, Elaine H. What Became of God the Mother? Conflicting Images of God in Early Christianity. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* 1976, vol. 2, p. 293-303.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Na sua epistola aos coríntios São Paulo lembra que o homem e a imagem e a glória de Deus mas a mulher é a glória do homem o homem não foi criado em consideração à mulher mas a mulher em consideração ao homem *Coríntios* 11 7-9

seculo II seguindo os ensinamentos de São Paulo afirmou-se a dominação masculina dentro da religião cristã⁴⁰

A vida científica em Alexandria começa a decair a partir do seculo IV mas no fim desse seculo se destaca uma das mais famosas mulheres da antiguidade Hipacia Quando ela nasceu o Imperio Romano era teatro das lutas da ortodoxia cristã contra os arianos Em 380 o imperador Teodosio faz do cristianismo a religião oficial do Imperio e a autoridade da Igreja se torna ainda mais forte A intolerância contra os pagãos e contra as diferentes seitas cristãs banidas pela ortodoxia aumenta consideravelmente ate se transformar em perseguição desenfreada

Hipacia (ca 370-415 d C) e a mulher de ciência da antiguidade sobre cuja vida e obra existe mais documentação Ainda que muitas de suas obras tenham se perdido existem referências as mesmas em diferentes fontes Filha do astrônomo e matematico grego Theon de Alexandria recebeu desde jovem uma excelente educação Formou-se em matematica e astronomia provavelmente no Museu e em filosofia na Escola Neoplatônica de Alexandria tornando-se depois professora dessa instituição Lecionou filosofia astronomia e matematica Foi famosa pela sua ciência e eloquência atraindo as suas aulas grande numero de alunos de Alexandria e outras cidades Pelo menos três obras atribuem-se a Hipacia todas elas perdidas um comentario sobre as *Cônicas* de Apolônio de Perga matematico e astrônomo grego do seculo III a C pertencente a Escola de Alexandria um comentario sobre a obra de Diofanto matematico grego do seculo IV d C também da Escola de Alexandria e o *Cânon Astronômico* conjunto de tabelas sobre o movimento dos astros Outros autores atribuem-lhe a autoria do comentario de Theon sobre o terceiro livro da obra de Ptolomeu conhecida como *Almagesto* assim como sua colaboração na edição revisada dos *Elementos* de Euclides Atraves da correspondência de Sinesio de Cirene um dos seus celebres discipulos mais tarde bispo de Tolemais se conhecem também outros trabalhos por ela realizados sobre mecânica e tecnologia e se conservam copias de seus desenhos de diversos instrumentos científicos⁴¹

Foi a ultima representante da ciência pagã da antiguidade Sua morte tragica com requintes de crueldade em 415 d C nas mãos de monges fanatizados pelas predicas de Cirilo patriarca de Alexandria faz dela o simbolo da ciência e da sabedoria do mundo antigo vitimas da intolerância cristã Mas Hipacia e sobretudo para nos uma figura emblematica simbolo da mulher sabia livre e autônoma perseguida e martirizada porque exemplo detestavel de mulher independente

⁴¹ GILLISPIE Charles Coulston *Dictionary of Scientific Biography* 1970 1980 vol 6 p 615-616 OGILVIE Marilyn Bailey *Women in Science* Cambridge Massachusetts The MIT Press 1986 p 104 105 ALIC op cit p 41-47

Como a Grécia a República romana foi um patriarcado. A vida privada ficava sob o domínio do poder do pai (*patria potestas*). A ele estavam subordinados todos os membros da família romana: mulheres, crianças, escravos e clientes. Ao fundar o Império, Augusto tentou recuperar a velha moralidade cívica que tinha se deteriorado nos últimos anos da República e substituir com novas leis o controle exercido anteriormente pelo *pater familias*. Concedeu, no entanto, certas vantagens às mulheres que tinham mais de três filhos, que foram consideradas sujeitos legais capazes de administrar suas propriedades e dirigir suas vidas sem guardiães. As escravas e libertas podiam aceder às mesmas prerrogativas depois do quarto filho.

As mulheres da nobreza e das classes dirigentes influenciavam cada vez mais as intrigas palacianas e os conflitos de sucessão. A medida que crescia seu poder econômico e político aumentava seu interesse pela atividade intelectual. Uma parte importante do período mais brilhante da chamada *Pax romana* foi dominada pela presença de três mulheres: Plotina, esposa de Trajano, sua irmã Marciana e sua tia Matidia. Plotina, influenciada pelo epicurismo, interessou-se particularmente pela especulação filosófica e religiosa.⁴²

Foi, porém, na difusão do cristianismo que as mulheres desempenharam um papel da maior importância. A religião permitia estabelecer, senão uma relação igualitária, pelo menos uma comunicação fácil entre as classes e os sexos. Entre a vida privada e a vida pública e as mulheres romanas aderiram a uma grande quantidade de cultos pagãos. O cristianismo, que apareceu quase que junto com o Império Romano, seduziu e mobilizou mais profundamente as mulheres devido à sua mensagem de comunidade em Jesus, de igualdade e fraternidade entre povos, entre homens e mulheres. A participação destas nos primórdios do cristianismo foi tão forte que os críticos frequentemente o identificaram com uma religião de mulheres e escravos. Os homens que aderiram à nova religião pertenciam geralmente às classes mais pobres ou eram escravos, mas as mulheres provinham de todos os estratos sociais. Ricas ou pobres, casadas, solteiras ou viúvas, possuíam em comum um sentimento de alienação, de estar fora dos centros de decisão ou de pertencer a grupos que careciam da marca de respeitabilidade que possuía a família patriarcal.

No fim do primeiro século, depois da geração apostólica (de 70 a 100 d.C.), a religião cristã tinha se espalhado consideravelmente. Havia igrejas por todo o Império. Esse trabalho de propagação da fé foi realiza-

⁴² McNAMARA, Jo Ann. *Matres Patriae/Matres Ecclesiae: Women of the Roman Empire*. In *Becoming Visible*. Op. cit. p. 107-129.

do pela contribuição de um grande número de adeptos. Mas a participação das mulheres nessa tarefa ficou esquecida nos textos oficiais que só mencionam São Paulo. Essa contribuição feminina ficou registrada entretanto nos evangelhos apócrifos aos quais nos referimos previamente.

A moralidade cristã defendia a monogamia e se opunha ao abandono dos filhos não desejados, quase sempre meninas destinadas à morte ou à prostituição. A sociedade pré-cristã não dava reconhecimento social nem apoio econômico às mulheres que estavam fora do quadro familiar do *patria potestas* ou que saíam dele porque viúvas. Muitas dessas mulheres, ao adotar a nova religião, rejeitaram a tradicional relação com o homem e procuraram redefinir-se como membros de uma comunidade formada só de mulheres. Essas comunidades de viúvas e virgens aparecem por toda a cristandade. O relato de seus atos figuram nos evangelhos apócrifos e neles a conversão ao cristianismo é sinônimo de voto de castidade. Essas obras citam exemplos de verdadeiras heroínas que desafiavam maridos, parentes e tropas imperiais, fornecendo modelos de mulheres casadas ou solteiras revoltadas contra o papel tradicional da matrona romana. Em muitos relatos se manifestava também a recusa ao sistema de classes que separava as mulheres umas das outras. Abundavam as histórias de conversão de mulheres da classe alta juntamente com suas escravas, de sua revolta contra maridos, pais e autoridades e de subsequente martírio.⁴³

Desde os tempos apostólicos, no entanto, a Igreja foi aperfeiçoando uma hierarquia masculina, a imagem da burocracia romana. Os bispos, sacerdotes e diaconos desenvolveram e monopolizaram o sistema sacramental. As mulheres foram gradualmente proibidas de ministrar o batismo e eliminadas de todas as ordens clericais, com exceção das de diaconisas. Entretanto, apesar da crescente institucionalização da Igreja, que as excluía da liderança intelectual, administrativa e litúrgica, as mulheres mantiveram a sua fé na nova religião e foram inúmeras vezes ao martírio. A atitude igualitária predominou durante os primeiros séculos quando o cristianismo lutava pela sua sobrevivência e quando expandia sua fronteira ao norte e leste da Europa. Mas essa tradição sofreria mudanças significativas devido ao papel subordinado que São Paulo atribuía às mulheres, mesmo se a teologia proclamava a igualdade espiritual de todos os crentes.⁴⁴

A mulher na Idade Média

No ano 476, o último imperador do ocidente, Rômulo Augusto, foi deposto. A Europa, dominada pelos

⁴³ Ibidem

⁴⁴ Ibidem

invasores germânicos teria um destino bem diferente daquele do Império Romano do Oriente. Até o século X os francos mantiveram sua hegemonia em boa parte do que é hoje a Europa ocidental. No fim do século V Clotilde, a esposa do rei franco Clovis, conseguiu converter o marido ao cristianismo apesar da cólera deste com a morte de seu primeiro filho logo depois de ser batizado. Graças aos seus esforços, os francos foram a primeira tribo a adotar a religião cristã. No século seguinte Berta, a rainha franca de Kent, na Inglaterra, também converteu o marido, preparando assim o terreno para a conversão de seu povo. Nas gerações seguintes várias princesas cristãs casaram com reis saxões e contribuíram para adoção da religião delas nos seus reinos.

A conversão formal ao cristianismo, no entanto, não mudou os hábitos desses povos durante muitas gerações. Seus costumes assemelhavam-se muito pouco à vida cristã pregada pelos padres da igreja. A poligamia e o incesto eram características da vida conjugal. As viúvas cujos maridos morriam em batalhas deviam casar com o vencedor ou então eram empurradas para o leito deste, o mesmo acontecendo com as filhas dos vencidos. Nesses tempos de violência e incerteza, a única possibilidade que as mulheres tinham de escapar do casamento era o retiro em um convento ou mosteiro onde podiam permanecer virgens ou viúvas. As esposas dos reis francos, lombardos e anglo-saxões optavam frequentemente por essa solução quando os maridos morriam.⁴⁵

No século VI as religiosas eram pouco numerosas e era necessário muito heroísmo e decisão para consagrar a vida a Deus. Já nos séculos VII e VIII os mosteiros femininos instalaram-se por toda a cristandade e as mulheres podiam pedir a abades e bispos para interceder em favor delas e assim poder recolher-se nessas novas instituições. O tipo de estabelecimento religioso mais popular para as mulheres no século VII, nos reinos francos, tanto ingleses como franceses, e o mosteiro duplo onde homens e mulheres observavam as mesmas regras religiosas e obedeciam a um superior comum, habitualmente uma abadessa. A posição de destaque que algumas mulheres ocuparam nessas instituições devia-se ao fato delas serem membros de famílias nobres ou reais.⁴⁶

Durante o século VIII os conventos e mosteiros monopolizavam a educação das crianças de ambos os sexos, sendo ignorada a injunção de São Paulo que estabelecia que mulher não devia ensinar aos homens. Nesse período de expansão da civilização cristã o papel desempenhado pelas freiras letradas foi particularmente

⁴⁵ WEMPLE, Suzanne F. *Sanctity and Power: The Dual Pursuit of Early Medieval Women*. In *Becoming Visible*. op. cit. p. 131-151.

⁴⁶ *Ibidem* p. 138-139.

valorizado especialmente pelo missionário inglês São Bonifácio. No século IX, os eclesiásticos da corte de Carlos Magno procuraram devolver ao sistema monástico o que eles consideravam sua "pureza original", reintroduzindo o princípio segundo o qual "a debilidade do sexo e a instabilidade da mente das mulheres impedem que estas possam ensinar e pregar aos homens". As freiras e canonisas deviam permanecer na clausura e não podiam ajudar os padres na celebração da missa ou na administração dos sacramentos, nem educar meninos nos conventos. Os mosteiros mistos passaram a ser dirigidos por um abade. As abadessas deviam ficar sob o controle dos bispos e só eles podiam consagrar novas candidatas, um direito que previamente cabia às primeiras. Essa reforma foi, entretanto, mais prejudicial aos homens que às mulheres. Os homens da nobreza acabaram não recebendo nenhuma instrução enquanto que suas irmãs ou filhas continuavam sendo educadas nos conventos até a idade do casamento. Foi assim que, com frequência, durante vários séculos, representantes do sexo feminino, cuja debilidade mental e instabilidade emocional impedia ensinar aos meninos, recebiam uma boa educação e casavam com analfabetos.⁴⁷

⁴⁷ Ibidem

Depois que Justiniano, no século V, fechou o Museu de Alexandria, a ciência grega foi se refugiar nos reinos sassânidas do oriente. A reforma educacional carolíngia melhorou o nível do ensino nos mosteiros ao introduzir um *curriculum* baseado nas sete artes liberais. No entanto, quase toda a especulação intelectual limitou-se à teologia e à doutrina aristotélica, tanto na filosofia como na ciência. Algumas mulheres da nobreza ou das famílias reais receberam uma educação esmerada. Hroswitha (935-975), freira do mosteiro de Gandersheim, foi poetisa, autora de dramas e de dois textos históricos, além de contos baseados no evangelho apócrifo de Maria, e várias vidas de santos.⁴⁸ Herrad von Landsberg (1125-1195), que foi abadessa do mosteiro de Hohenburg, escreveu o *Hortus Deliciarum* (Jardim das Delícias), verdadeira enciclopédia poética sobre religião, história, astronomia, geografia, filosofia, história natural e medicina, botânica, contendo ilustrações de sua mão, de grande valor artístico. O único manuscrito completo de sua obra foi destruído quando do sítio de Estrasburgo, em 1870, mas uma cópia de grande parte do mesmo, feita no século passado, foi conservada.⁴⁹

⁴⁸ WEMPLE op cit p 140

⁴⁹ ALIC op cit p 74-75

⁵⁰ THORNDYKE Lynn *History of Magic and Experimental Science* vol 2 Chapter 40 Saint Hildegard of Bingen 1098-1179 Nova Iorque Columbia University Press 1923 p 124-154

No entanto, a personalidade feminina mais significativa desse período medieval foi indiscutivelmente Hildegarda de Bingen (1098-1179).⁵⁰ Sua obra, muito vasta, que chegou até nós, abrange numerosos ramos do saber: ciências naturais, medicina, moral e teologia.

alem da musica sacra. Tinha saude precaria e desde os cinco anos teve visões que segundo ela conta apareciam quando em estado de vigília mas que não eram vistas nem ouvidas com olhos e orelhas. Seu pai era proprietario rural no Palatinado renano e cavalleiro ao serviço do conde de Sponheim. Aos oito anos de idade seus pais a confiaram a Jutta, filha do conde e abadesa da seção feminina do mosteiro de Disibodenberg situado na mesma região. Jutta ocupou-se da sua educação que consistia sobretudo no canto dos salmos. Aproximadamente aos quinze anos tornou-se freira. Após a morte de Jutta em 1136 Hildegarda a sucede no cargo de abadesa. Entre 1148 e 1150 instala-se no mosteiro de Bingen especialmente construido para abriga-la conjuntamente com as freiras das quais era abadesa e cujo nome ficara definitivamente ligado a sua pessoa⁵¹.

⁵¹ PERNOD Regine
Hildegarde de Bingen,
Conscience inspirée du XII
Siècle Paris Editions du
Rocher 1995 p 11-37

Adquiriu grande fama devido a sua vida ascetica as visões que descreveu com detalhe e as curas que realizou. Um dos compiladores de sua obra que trata de medicina estima que a pericia medica de Hildegarda contribuiu mais para sua reputação de santidade que o resto de suas obras. Dois de seus livros tratam de medicina e ciência natural. O *Liber Simplicis Medicinæ* ou *Liber Subtilitatum Diversarum Naturarum Creaturarum* (Livro da medicina dos simples ou Livro das sutilezas das criaturas da Natureza) que trata dos elementos aristotelicos (agua, terra, ar e fogo) dos metais, das plantas, dos animais e dos minerais e um tratado em nove livros do qual existe um grande numero de manuscritos, o que demonstra ter sido uma obra amplamente consultada. O outro *Causæ et Curæ* consta de cinco livros e trata da criação do universo, dos fenômenos celestes, das aguas do mar e do firmamento, dos quatro elementos e dos quatro humores, alem da anatomia humana e das curas. Hildegarda descreve com detalhe as visões que teve a partir dos quarenta e três anos em três obras: *Scivias* (Conhece a via) escrito entre 1141 e 1150, *Liber Vitæ Meritorum* (Livro dos meritos) entre 1158 e 1163 e *Liber Divinorum Operum* (Livro das obras divinas) entre 1163 e 1170. O notavel dessas visões e a quase completa concordância com a cosmologia e a fisiologia que prevaleciam na ciência da epoca e que provinham da antiguidade classica. A teoria dos quatro elementos, a das esferas concêntricas rodeando a Terra, as noções referentes as veias e aos humores figuram com poucas variações nessas mensagens reconhecidas de origem divina⁵². Alic estima que essas visões serviram a Hildegarda como um meio de expressão tanto para suas ideias científicas como para suas concepções religiosas. Como ela afirma no prefacio do

⁵² THORNDYKE op cit passim

Scivias apesar de ter visto e ouvido essas coisas devido a duvida a ma opinião e as observações dos homens recusei-me a escrevê-las durante muito tempo não por teimosia mas por humildade ate ficar de cama doente batida pelo açoite de Deus ate que depois de muitas doenças fui forçada a escrever ⁵³

⁵³ ALIC op cit p 64-65

Ainda que as visões de Hildegarda relativas ao universo e a natureza concordem com as aceitas na Europa ocidental de seu tempo ela sustentava algumas ideias inabituais Na cosmogonia revelada no *Scivias* o universo tem forma oval mas conserva a mesma ordenação da Terra do Sol da Lua e dos planetas que a do sistema ptolomaico Quando redigiu o *Liber Divinorum Operum* Hildegarda parece haver tomado conhecimento da cosmogonia aristotelica e nas suas visões as orbitas dos planetas são circulares Outras ideias eram decididamente erradas como as de que os ventos arrastavam o firmamento de leste para oeste e os planetas de oeste para leste e que os rios nasciam do mar Mas em diversas questões suas observações são corretas Aconselha ferver sempre a agua dos pântanos Opina que a agua de poço e melhor para beber que a de fonte e esta melhor que a de rio que deve ser fervida e deixada esfriar antes de ser bebida⁵⁴

⁵⁴ THORNDYKE op cit p 133 134 ALIC op cit p 67 72

Os qualificativos quente frio seco umido para os seres vivos herdados tambem dos gregos figuram na obra de Hildegarda As ideias religiosas que atravessam toda a sua obra estão presentes na sua historia natural na sua medicina e na sua farmacopeia O demônio e os espiritos do mal não são ignorados As substâncias naturais estão intimamente ligadas a esses espiritos os quais se lhes associam de maneira hostil ou amistosa Ha ervas que os demônios não suportam e outras de que eles gostam particularmente Podem estimular portanto os bons ou maus desejos ou podem proteger contra os espiritos maleficos a mesma coisa acontecendo com peixes pedras e metais Assim na sua obra sobre a medicina dos simples ao se referir a mandragora planta a qual se atribuiam propriedades magicas ela diz que a mesma possui alguma semelhança com o homem por ter nascido da terra com a qual Adão foi criado e acrescenta Devido a essa semelhança a presença e as astucias do diabo se manifestam nela mais do que em outras (plantas) E por isso que com o auxilio dela o homem consegue realizar seus desejos sejam eles bons ou maus como o faz as vezes utilizando idolos ⁵⁵ Nessa mesma obra fornece diversas receitas de decocções unguentos ou banhos a base de plantas para tratar problemas relacionados a sexualidade de ambos os sexos

O pensamento de Hildegarda esta imbuido da mesma magia que ela pretende rejeitar e condenar Ela

⁵⁵ HILDEGARDE de Bingen *Le Livre des Subtilites des Creatures Divines* Tradução francesa do *Liber Simplicis Medicinæ* por Pierre Monat Grenoble Editions Jerome Millon 1988 p 79

acreditava nas virtudes ocultas das plantas e das pedras preciosas no poder dos encantamentos das palavras rituais e das cerimônias mágicas. A sua atitude mental não destoava da dos eruditos religiosos ou laicos que caracterizou o mundo medieval e renascentista mas seus textos eram mais eruditos e comportavam alusões à Bíblia noções e simbologia cristãs como o uso da cruz para afastar o mal. Vários séculos depois muitas mulheres seriam condenadas à fogueira pelo fato de acreditar nos mesmos poderes mágicos e de utilizar o mesmo tipo de medicina⁵⁶

Hildegarda manteve uma abundante correspondência com diversas autoridades políticas e religiosas entre as quais dois imperadores e altos dignitários da Igreja papas e arcebispos os quais solicitavam seus conselhos e opiniões sobre questões espirituais e temporais. Fez também diversas viagens pelas cidades da Alemanha onde costumava pregar. Foi uma inimiga declarada das heresias particularmente da dos cátaros que florescera na região do Reno e na qual as mulheres exerciam funções sacerdotais. Em 1163 vários dos membros dessa seita pereceram na fogueira na cidade de Colônia⁵⁷

A mulher na medicina

Desde a mais remota antiguidade as mulheres praticaram a medicina e a obstetrícia e desenvolveram métodos de preparação de poções unguentos ou elixires muito provavelmente como subproduto das atividades da colheita e da horticultura. Já vimos que na Sumeria cuidavam da preparação de perfumes. Muitas deusas da antiguidade tinham como um dos seus atributos a medicina como é o caso de Ísis ou Neith no Egito e muitas grandes deusas foram também veneradas pelas suas habilidades médicas e obstétricas.

Durante o período clássico havia médicas e cirurgiãs nas cidades gregas existindo uma escola de medicina na cidade de Gnido que admitia mulheres. Em Atenas no entanto no século IV leis muito rigorosas proibiam as mulheres estudar e praticar medicina. É citado o caso de Agnodicia a qual usando vestimenta masculina teria estudado em Alexandria por volta de 300 a C. Retornou a Atenas e depois de praticar com sucesso sua profissão tratando mulheres da aristocracia sempre vestida de homem viu-se obrigada a revelar seu verdadeiro sexo para defender-se de acusações de corrupção. Foi então processada por praticar ilegalmente a medicina sob falsas aparências sendo defendida pelas suas pacientes com tal sucesso que pôde continuar exercendo a profissão. Posteriormente a

⁵⁶TOSI Lucia Caça das
Bruxas *Ciência Hoje* 1985
vol 4 N 20 p 34 42

⁵⁷ALIC op cit p 66.

prática da medicina pelas mulheres foi permitida para tratar somente pacientes de seu próprio sexo⁵⁸

Trabalhos recentes demonstram que na Idade Média existiam várias especialidades médicas praticadas por mulheres. A comunidade médica compunha-se de físicos (médicos), cirurgiões, barbeiros-cirurgiões, boticários, além de curandeiros e de vários outros empíricos não categorizados. Os físicos que amiúde possuíam formação universitária ocupavam-se de diagnóstico e tratamento de doenças internas; os cirurgiões eram os que realizavam a parte manual do tratamento médico (amputações, ortopedia etc.); os barbeiros-cirurgiões se ocupavam de cirurgia menor, como sangrias, preparavam e administravam medicamentos, inclusive clisteres, mas atuavam também como conselheiros, dando pareceres sobre tratamentos. Empírico é um termo genérico usado para caracterizar todos aqueles que praticavam por conta própria algum tipo de medicina sem possuir nenhum título ou licença, nem pertencer a nenhuma corporação.⁵⁹

As parteiras formavam parte de uma comunidade maior de especialistas na arte de curar. Mas as mulheres não se limitavam à prática da obstetrícia. Para citar um exemplo, dos 7.647 praticantes registrados na França entre os séculos XII e XV, 121 (1,5%) são mulheres, 44 são identificadas com diferentes denominações equivalentes às de parteira, 30 são barbeiras, seis cirurgiãs, 15 físicas treinadas e empíricas e três qualificadas como bruxas.⁶⁰ Resultados semelhantes obtidos na Inglaterra, Espanha, Itália e Alemanha, ainda que escassos, mostram que nesses países havia mulheres desempenhando alguma atividade médica. Na Itália do Sul, a presença de mulheres na prática médica é melhor documentada no caso da Escola de Medicina de Salerno.⁶¹ Mas, além das famosas **mulheres salemitanas**, existem provas de licenças concedidas entre 1273 e 1410 a vinte e quatro cirurgiãs no Reino de Nápoles; treze delas explicitamente autorizadas para tratar de mulheres.⁶²

Como observa Monica Green, o que mais surpreende nesses dados é o exíguo número de mulheres registradas e, fora os relativos à França, a ausência quase completa de parteiras. Segundo essa autora, é preciso levar em conta as limitações dos registros e documentos quando se trata de mulheres. Excetuando as licenças médicas, as fontes principais são os testamentos, transferências de propriedades, registros de corte, nos quais as mulheres aparecem raramente. Além disso, a maior parte dos estudiosos da história da medicina só consideram aqueles que tiveram formação universitária, eliminando assim todos os empíricos sem título, entre os quais estão representadas predominantemente

⁵⁹ GREEN, Monica. Women's Medical Practice and Health Care in Medieval Europe. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 1989, vol. 14, n. 3, p. 434-473.

⁶⁰ JACQUART, Danielle. Le Milieu Médical en France du XII au XV siècles. 2ème supplément au *Dictionnaire Biographique des médecins en France au Moyen Âge*. Genebra: Librairie Droz, 1981, p. 24-87.

⁶¹ A Escola de Salerno foi famosa na Idade Média, especialmente nos séculos XII e XIII. Foi por seu intermédio que a ciência árabe e, portanto, o galenismo chegaram à Europa Ocidental.

⁶² GREEN op cit

temente as mulheres. Por outro lado, nas pesquisas prosopográficas so figuram as pessoas que podem ser identificadas pelo nome. Nos registros da Idade Média, no entanto, as mulheres não são identificadas pelo nome, como é o caso das mulheres salernitanas. Não devemos esquecer que as universidades foram criadas a partir do século XII e que seu acesso foi interdito às mulheres. Por isso, para investigar com mais precisão a participação das mulheres nos diferentes ramos da prática médica, é necessário ampliar a definição dos que a exerciam incluindo nas estatísticas aqueles ou aquelas cuja ocupação básica era o cuidado dos doentes, bem como as *vetulae* (mulheres velhas).⁶³

Das **mulheres salernitanas** a mais conhecida foi Trotula médica que viveu provavelmente no século XII, cuja existência e cujas obras foram objeto de uma longa controvérsia. Na verdade, essa controvérsia deu mais informação sobre os preconceitos masculinos relativos à prática de algum saber pelas mulheres do que sobre a própria Trotula.⁶⁴ Em anos recentes, a descoberta de uma obra genuína de Trotula permitiu demonstrar a realidade de sua existência. Esse caso merece ser descrito separadamente com algum detalhe.

No fim da Idade Média, os tratados mais populares sobre doenças femininas e cosmetologia foram atribuídos a uma autora da Escola de Medicina de Salerno conhecida pelo nome de Trotula. Essas obras eram designadas pelos nomes *Trotula Major* e *Trotula Minor*. A primeira tratava de matéria médica e citava autores do período greco-romano; a segunda compunha-se frequentemente de dois textos: um que tratava de medicina e de cosmetologia, no qual se citava entre outros autores as **mulheres de Salerno**; Trotula ou Trotta, e o segundo que se tratava de cosméticos e citava unicamente as **mulheres salernitanas** ou as **mulheres sarracenas**. O primeiro deles relatava o fato de Trotula, uma *quasi magistra*, haver administrado com sucesso um tratamento ginecológico a uma paciente que os especialistas masculinos não conseguiram curar. Os textos de Trotula foram muito populares entre os séculos XII e XV e a fama de sua autora foi grande. Reunidos ou separados, constituíam o tratado ginecológico mais conhecido. Existem aproximadamente uma centena de manuscritos. No correr do século XV, obras atribuídas a Trotula foram traduzidas ou re-escritas em prosa e verso em francês e traduzidas para o inglês, alemão, flamengo e catalão. No século XVI, o editor da *editio princeps* reuniu os três textos medievais, rearranjando o material a seu entender e publicando-o em 1544 com o título *De Passionibus Mulierum* (As doenças das mulheres). Ninguém duvidou que Trotula fosse uma

⁶³ Ibidem

⁶⁴ STUARD Susan, *Dame Trot Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 1975, vol. 1, n. 2, p. 537-542.

mulher ate 1566 quando o editor dessa obra na cidade de Basilea disse que o autor da mesma era Eros Juliae um liberto romano do primeiro seculo de nossa era Esse foi o primeiro ataque a existência e ao gênero de Trotula No entanto essa opinião foi objeto de critica e os historiadores da medicina sempre incluíram Trotula na lista das medicas⁶⁵

⁶⁵BENTON John F Trotula Women's Problems and the Professionalization of Medicine in Middle Ages *Bulletin of the History of Medicine* 1985 vol 59 p 30 53

Na segunda decada do seculo XX o gênero a existência a profissão a capacidade intelectual a pericia de Trotula são objeto de estudo e de debates por parte de historiadores da ciência e da medicina Varias questões despertam a atenção dos especialistas podia uma mulher figurar entre as autoridades da Escola de Salerno no seculo XI? podia uma mulher exercer as profissões de medica e professora? ter redigido um tratado de medicina? se realmente existiu podia Trotula ser medica? ou era simplesmente uma parteira? na afirmativa podia uma parteira escrever um tratado pratico e teorico sobre ginecologia?⁶⁶

⁶⁶STUARD op cit

A controversia prolongou-se ate recentemente e foi resolvida por John F Benton o qual descobriu em Madri um manuscrito que contem entre outros textos um denominado *Practica Secundum Trotam* contendo remedios conselhos medicos relativos a ginecologia cuidado de crianças beleza e um grande numero de topicos que concernem tanto aos homens como as mulheres Em varios casos se utiliza o gênero masculino para falar do paciente Esse texto e explicitamente atribuido a uma mulher de nome Trota (Trotula e diminutivo de Trota) Da evidência acumulada na leitura desse manuscrito Benton chega as seguintes conclusões a primeira delas e que nos seculos XI e XII existiram mulheres que praticavam a medicina as *mulieres Salernitane* algumas das quais se distinguiram pelas suas habilidades Na catedral de Salerno e citada uma medica chamada Berdefolia na sua *Historia Ecclesiae* Ordericus Vitalis⁶⁷ faz referência a uma *sapiens matrona* do seculo XI que causou grande impressão em Rafael Mala-Corona conhecido clergo e medico desse seculo que visitou Salerno pouco antes de 1050 Matheus Platerius medico do seculo XII da Escola de Salerno afirma que sua mãe era medica Não existe nenhuma razão diz Benton para crer que as três eram a mesma pessoa nem para supor que fossem as unicas A segunda conclusão e a de que Trota escreveu um tratado maior perdido que foi certamente uma medica habil e sabia mas carecia do titulo de *magister* que os medicos possuíam que deve ter vivido e atuado no seculo XII Finalmente ainda que sua obra fosse muito apreciada na sua epoca foi raramente copiada nos seculos posteriores sendo substituida por obras mais elaboradas

⁶⁷ORDERICUS VITALIS clergo e historiador francês (1075 ca 1143)

e mais teoricas Benton acredita que os autores dos *Trotula Major* e *Trotula Minor* foram homens e os escreveram para ser lidos por homens. A falsa atribuição de sua autoria a uma mulher segundo ele é uma evidência da fama de Trotula e uma indicação da apropriação dessa pratica pelos medicos e a gradual exclusão das mulheres da mesma⁶⁸

A partir do seculo XIII os medicos da Faculdade de Medicina de Paris começaram a restringir o exercicio da medicina excluindo cirurgiões barbeiros e empiricos. Isso levou a processos contra praticantes da medicina sem licença entre os quais varias mulheres. As mais conhecidas foram Marguerite d Ypres e Jacqueline Felicie. Esta ultima tratava tanto de homens como de mulheres. O seu processo teve lugar em 1322 e o principal argumento utilizado pela acusação foi o de que as mulheres não deviam praticar a medicina devido a sua ignorância o que punha em perigo a vida do paciente. Porém o estatuto de 1271 que supostamente ela violava restringia essa pratica a cirurgiões boticarios e herbalistas de ambos os sexos⁶⁹

Na Espanha antes de 1329 todas as ordenações regulamentando a pratica da medicina se aplicavam tanto a mulheres como a homens fossem eles cristãos judeus ou sarracenos. A partir dessa data uma nova lei estabelecia restrições a pratica da medicina pelas mulheres na cidade de Valência o que foi depois imitado por outras cidades. Na Inglaterra onde os medicos começaram a organizar-se mais tarde foi feita uma petição ao parlamento em 1421 na qual se solicitava entre outras medidas destinadas a garantir a hegemonia dos medicos que nenhuma mulher use a pratica da fisica sob pena de longa prisão e de uma multa de 40 libras. Muitas dessas medidas nem sempre atingiam o efeito procurado mas mostraram que foi durante esse periodo que se estabeleceram as bases da exclusão das mulheres do exercicio da pratica medica independente⁷⁰

No que concerne a Alemanha Merry E Wiesner indica que ate o fim do seculo XV tanto homens como mulheres aparecem registrados nas listas de medicos de varias cidades mas a partir daí o titulo foi sendo dado so aos homens que recebiam formação universitaria. Os medicos profissionalizaram-se enquanto que os barbeiros os cirurgiões e os boticarios trataram de regulamentar tambem a sua pratica estabelecendo demarcações precisas entre aqueles que tinham recebido um treinamento formal e os que careciam desse treinamento. Gradualmente esses profissionais conseguiram fazer proibir no caso de mulheres e de outros grupos não treinados o exercicio da medicina. As medicas e as barbeiras-cirurgiãs foram assim desaparecendo dos

⁶⁸ BENTON op cit

⁶⁹ KIBRE Pearl The Faculty of Medicine at Paris Charlatanism and Unlicensed Medical Practice in the Later Middle Ages *Bulletin of the History of Medicine* 1953 vol 24 p 1 20

⁷⁰ GREEN op cit

registros. Entretanto, apesar das proibições reiteradas e dos controles, as mulheres continuaram praticando a medicina durante bastante tempo. Wiesner cita vários casos. É exemplar o de Elizabeth Heyssin de Nemmingen, que no século XVI manteve uma longa disputa com os barbeiros-cirurgiões de sua cidade. Ainda que o argumento de mais peso fosse o de que a mulher não está habilitada para exercer a medicina, os barbeiros-cirurgiões opunham-se energicamente a que as mulheres tirassem lucro de sua prática. As mulheres deviam comprometer-se a trabalhar por pequena recompensa e não fazer publicidade. Era-lhes proibida toda a prática que os médicos realizavam, como medicina interna e exame de urina. Questionava-se a origem dos conhecimentos dessas mulheres, como e onde haviam sido adquiridos, sob a suspeita de obtidos por meios diabólicos.⁷¹

⁷¹ WIESNER, Merry. *Working Women in Renaissance Germany*. New Jersey: Rutgers University Press, 1986. p. 49-55.

A obstetricia, que fora considerada milenarmente a área da medicina de competência da mulher, foi afetada pela regulamentação no fim da Idade Média. Não existem dados que indiquem que as parteiras tenham tratado de se organizar em algum tipo de associação ou confraria. A licença para exercer a profissão de parteira foi concedida pela primeira vez na cidade de Regensburg, na Alemanha, em 1452, e ali, como depois em outras cidades, era da competência das autoridades municipais e eclesásticas. No começo, a maior parte das normas e prescrições não tinham por objetivo controlar ou supervisionar a perícia obstétrica das parteiras, e só visavam o caráter moral das mesmas. Quando os regulamentos se limitaram às questões específicas da profissão, trataram sobretudo de restringir e controlar a prática da obstetricia realizada pelas mulheres, obrigando-as a solicitar auxílio, em primeiro lugar, às parteiras reconhecidas e, em última instância, aos médicos e cirurgiões.⁷²

⁷² GREEN, op. cit.

⁷³ Contrariamente a uma crença errada e persistente, a caça às bruxas não começou no período medieval, mas teve início por volta de 1450.

⁷⁴ EHRENREICH, Barbara e ENGLISH, Deirdre. *Witches, Midwives and Nurses*. Old Westbury, Nova Iorque: Feminist Press, 1973. passim.

⁷⁵ HORSLEY, Richard A. *Who Were the Witches? The Social Roles of the Accused in the European Witch Trials*. *Journal of Interdisciplinary History*, 1979, vol. 9, p. 689-715.

⁷⁶ JACQUART, op. cit., p. 47-49.

É importante ressaltar que a regulamentação da prática obstétrica coincidiu com a primeira vaga da caça às bruxas.⁷³ Esse fato levou vários autores a admitir uma relação estreita entre ambos fenômenos.⁷⁴ Dados mais recentes parecem indicar, no entanto, que as parteiras representavam uma percentagem menor das acusadas pela prática da bruxaria, sendo na maioria dos casos *vetullae*, mulheres sabias ou curandeiras.⁷⁵ Muitas delas provavelmente ajudavam as outras mulheres no trabalho do parto. Danielle Jacquard observa, entretanto, que a atividade de parteira comportava riscos e que algumas das que a praticavam foram perseguidas judicialmente quando da morte do recém-nascido. Cita o caso de três parteiras acusadas de bruxaria porque teriam utilizado as gorduras de uma criança nascida morta para curar um leproso.⁷⁶

O fim da Idade Média e o começo da Renascença italiana coincide praticamente com a etapa criativa de Christine de Pizan a qual compõe suas primeiras poesias no fim do século XIV começo do XV. Segundo Joan Kelly-Gadol não houve renascença para as mulheres pelo menos nesse período da história as novas classes emergentes criaram novas formas de organização política e social que reduziram ainda mais a liberdade das mulheres tanto sexual como econômica. A castidade e a passividade foram as duas qualidades femininas mais bem adaptadas às necessidades da burguesia mercantil em expansão e da nobreza em declínio e foram portanto estimuladas e apreciadas.⁷⁷

No entanto algumas mulheres estudaram e/ou ensinaram na Escola de Salerno durante o século XIV. Abella publicou dois tratados escritos em versos latinos hoje perdidos e nas suas aulas tratou da bile e da natureza da mulher. Mercuriade, médica e cirurgiã, lecionou e escreveu obras em latim sobre ungentos, febres e curas de feridas. Rebeca Guarna, da qual dizia-se ter conhecido toda a medicina, as ervas e raízes, escreveu sobre a urina, as febres e o embrião. Poder-se-ia argumentar que a razão da presença de mulheres na Escola de Salerno deveu-se ao declínio da mesma após a fundação das universidades de Bolonha, Padua e Nápoles entre os séculos XII e XIII. Contudo universidades de prestígio como a de Nápoles e a de Bolonha acolheram mulheres. Costanza Calenda estudou na Escola de Salerno e ensinou na Universidade de Nápoles. Na Universidade de Bolonha, Alessandra Giliani, cuja especialidade era a dissecação de cadáveres, foi assistente do anatomista Mondino de Luzzi (ca. 1275-1326), conhecido pela sua famosa *Anathomia*, o primeiro tratado sobre o tema. Desenvolveu uma técnica para extrair o sangue de artérias e veias e substituí-lo por líquidos coloridos que solidificavam, de maneira a facilitar a observação e estudo do sistema circulatório. Morreu em 1326, com dezenove anos de idade, consumida pelo seu trabalho; segundo reza a placa em homenagem a sua memória na cidade de Florença. Em 1390, Dorotea Bocchi foi nomeada professora de medicina para suceder a seu pai nessa mesma universidade de Bolonha e permaneceu no cargo durante quarenta anos.⁷⁸

A esta altura do nosso ensaio parece útil enfatizar que foi devido à imoderada curiosidade de Eva que a humanidade perdeu o paraíso, mas paradoxalmente ganhou o amor pelo saber. Pois, como poderíamos desenvolver a agricultura, o preparo de alimentos, a medicina, as artes, as ciências, a técnica se tivéssemos ficado eternamente no Jardim do Éden? Além disso, e

⁷⁷ KELLY-GADOL, Joan. Did Women Have a Renaissance? In *Becoming Visible* op. cit. p. 175-201.

⁷⁸ ALIC, op. cit. p. 58.
OGILVIE, op. cit. p. 23, 42, 92, 94, 132.

importante lembrar que a curiosidade é considerada uma das virtudes capitais do bom cientista. Foi a curiosidade o inelutável anseio de conhecimento que levou os gregos a especulação científica e filosófica. E foi sem dúvida a curiosidade incitada pela indole contingente da caça e a necessidade de obter alimentos armazenáveis que levou as mulheres a colher sementes e frutos, a examinar suas propriedades e a desenvolver as técnicas para torná-los comestíveis. Levadas pela curiosidade, as mulheres descobriram também práticas adequadas para facilitar o trabalho do parto, como o uso de ervas cujas propriedades aprenderam a experimentar, estendendo depois esses conhecimentos ao tratamento de doenças. E foi assim que, desde a mais remota antiguidade, as mulheres dominaram a obstetrícia e praticaram a medicina.

Nos tempos históricos, no entanto, a curiosidade feminina foi estritamente controlada e reprimida e as vias de ingresso à ciência tornaram-se praticamente inacessíveis para as mulheres. Mas isso não impediu que elas continuassem praticando e desenvolvendo uma série de conhecimentos empíricos, particularmente os relacionados com a arte de curar, até o fim da Idade Média. Em certos casos, expunham-se ao risco de um processo o que não as privava de defesa e de obter apoio dos próprios pacientes. Porém, a partir da Renascença, ocorre uma mudança drástica na interpretação dada à origem do saber das mulheres, o qual passa a ser suspeito porque considerado obra do demônio. Uma nova imagem da bruxa é construída por padres e magistrados e durante dois séculos as mulheres pagaram-lhe um duro tributo.